

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
DISCIPLINA: HIST. ECON. SOCIAL VII – ÁFRICA PORTUGUESA
PROFESSOR: MARCELO BITTENCOURT
ALUNO: EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

RESISTÊNCIA OU COLABORACIONISMO

“Atualmente, quando ouço ataques à nossa tática ao assinar a Paz de Brest¹, por parte, por exemplo, dos <socialistas revolucionários>, ou quando ouço uma observação do camarada Lansbury que ele me fez numa conversa comigo - <os chefes das nossas trade-unions inglesas dizem que os compromissos, se foram admissíveis para os bolcheviques, também são admissíveis para eles> - responde habitualmente, antes de mais, com uma comparação simples e <popular>:

Imaginais que o vosso automóvel é detido por bandidos armados. Dai-lhes o dinheiro, o passaporte, o revólver e o automóvel. Recebeis a libertação da agradável vizinhança dos bandidos. Trata-se, sem dúvida, de um compromisso. <Do ut des> (<dou-te> dinheiro, as armas e o automóvel <para que me dêis> a possibilidade de me retirar são e salvo). Mas dificilmente se encontraria um homem que não esteja louco que declarasse semelhante compromisso <inadmissível por princípio> ou declarasse que a pessoa que concluiu tal compromisso era cúmplice dos bandidos (ainda que os bandidos, uma vez senhores do automóvel, pudessem utilizá-lo e às armas para novos roubos). O nosso compromisso com os bandidos do imperialismo alemão foi semelhante a este compromisso.

(...)

*Há compromissos e compromissos. É preciso saber analisar a situação e as condições concretas de cada compromisso ou de cada variedade de compromissos. É preciso aprender a distinguir o homem que deu aos bandidos o dinheiro e as armas para diminuir o mal causado pelos bandidos e facilitar a captura e o fuzilamento dos bandidos, do homem que dá aos bandidos o dinheiro e as armas para participar na partilha do saque. Em política isto está muito longe de ser sempre tão fácil como este pequeno exemplo de uma simplicidade infantil. Mas seria simplesmente um charlatão quem pretendesse inventar para os operários uma receita que desse antecipadamente soluções prontas para todos os casos da vida ou promettesse que na política do proletariado revolucionário não haveria nenhuma dificuldades e nenhuma situações complicadas”.*²

Nem tudo o que aparenta ser, é. A aparência nem sempre reflete a essência...

¹ Para uma discussão pormenorizada sobre os debates acalorados entre os Bolcheviques sobre a assinatura ou não da Paz de Brest Litovsk, debate que tem tudo a ver com o nosso tema, ver DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky – O Profeta Armado*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968, pp. 369-429 (O Drama de Brest Litovsk). Assinada em março de 1918, a Paz de Brest-Litovsky foi terrível para a jovem república soviética, obrigada a renunciar à Polónia, Ucrânia, Finlândia, Estónia, Letónia e Lituânia, cedendo territórios à Alemanha e à Turquia, e por conseguinte, perdendo três quartos de suas minas de ferro e carvão além do pagamento de pesada indenização de guerra. Teriam sido os bolcheviques “colaboracionistas” ao assinarem a referida paz tão desvantajosa para os soviéticos?

² LENINE, V. I. *A DOENÇA INFANTIL DO “ESQUERDISMO” NO COMUNISMO*, IN; Obras escolhidas em 3 tomos, ALFA-OMEGA, São Paulo, 1980, tomo III, pp. 290, 291.

As coisas são o que são. Resistir é resistir, colaborar é colaborar, e ponto final. Mas eis que nos surge a dialética para complicar as coisas e afirmar que as coisas são realmente o que são, mas *relativamente*. *Toda verdade é sempre relativa*. E mais ainda, nos dizer que as coisas podem ser – ao mesmo tempo – elas mesmas e o seu contrário.³.

Podemos resistir colaborando e colaborar resistindo... É complicado, muito complicado. Assim como também podemos resistir resistindo e colaborar colaborando, os dois extremos entre as várias graduações existentes entre *resistir* e *colaborar*. Só o exame de cada caso nos permite avaliar o uso adequado destas expressões, atribuindo-as a este ou aquele grupamento ou classe social de forma historicamente justa.

Ao estudar o caso específico da colonização portuguesa, sou obrigado a discordar de parte da conclusão de Leroy Vail e Landeg White, quando se recusam a reconhecer a validade explicativa dos termos *colaborar* e *resistir* **em geral**, quando – a meu ver – nos casos extremos de *colaborar colaborando* e *resistir resistindo* de fato se aplicam como uma luva⁴. O equívoco reside ao tratarem os africanos como uma espécie de bloco mais ou menos homogêneo, desprezando a existência de classes ou camadas diferenciadas no interior dos africanos. Senão, vejamos:

*“Com isto revertemos à questão da <resistência> e do <colaboracionismo>. Estas palavras são de fato inadequadas à descrição da psicologia e da prática das reações dos Africanos [que africanos? As chefias de etnias já bem estratificadas? Simples camponeses em regime de “comunidade primitiva”?] ao capitalismo e ao colonialismo. Dos grupos aqui descritos, todos pertencentes ao mesmo país, na mesma época e sob o mesmo sistema de domínio colonial, só dos Lomwe-Chuabo se pode dizer que <resistiram>, no sentido de se terem recusado abertamente a chegar a acordo com o regime: a sua resistência tomou a forma de emigração em larga escala para a Niassalândia. Acontece, porém, que viviam perto da fronteira e dificilmente se vê como poderiam os Chopi ter adoptado atitude idêntica. Tanto no caso dos povos chopi como dos sena-podzo, nem <resistência> nem <colaboracionismo> descrevem adequadamente as suas idéias ou o seu comportamento” (grifo meu).*⁵

Compreendo que o objetivo dos autores é não simplificar a análise – e nem julgar, mas compreender – sobre o comportamento dos diversos grupos africanos quando em contato com a opressão colonial portuguesa. Compreendo e vejo pertinência nisto, mas não concordo com todos os resultados apresentados.

Os povos resistem quando e como podem, chegando mesmo ao suicídio coletivo como último dos recursos. Mas até mesmo neste último caso, o que os animam é o extinto de sobrevivência, ainda que num outro mundo, segundo a mitologia adotada. Dito de outra forma, qualquer cultura resiste, luta para continuar sendo ela mesma e não

³ Portugal, em relação aos povos africanos, na primeira metade do século XX, era muito forte. No entanto, em relação à Inglaterra era muito fraco. Nestas condições, não é louco aquele que resumidamente afirma que no período em questão Portugal era uma nação forte e fraca *ao mesmo tempo*.

⁴ Prefiro a classificação dada por P. Karibe Mendy, quando reconhece tacitamente graduações ou formas diferentes de resistir, quando põe em seu título a expressão “*resistência passiva*”. MENDY, P. Karibe, *A perturbação da Pax Lusitana: resistência passiva na Guiné ‘Portuguesa’ durante os primeiros anos do Estado Novo*, Revista Internacional de Estudos Africanos n. ºs 18/22, 1995/99, p. 169. Ao admitir o valor explicativo da expressão “resistir”, também o faz com o seu contrário, quer dizer, “colaborar”: “*Embora não pudessem enfrentar uma resistência constante, mesmo assim lutaram continuamente contra ‘autoridades indígenas’, colaboracionistas (...)*” [grifo meu]. Estou inteiramente de acordo com o uso dado às expressões “resistência” e “colaboração” por MENDY. São claras no contexto em que são usadas, e expressam, portanto, a realidade.

⁵ VAIL, Leroy e WHITE, Landeg. *Formas de resistência: canções e noções de poder na colônia de Moçambique*. IN: Revista Internacional de Estudos Africanos, nº 2, Junho-Dezembro, 1984, pp. 58, 59.

outra. Quando a opressão do colonizador atinge níveis julgados insuportáveis e/ou intoleráveis pela maioria do grupo dominado, há o que poderíamos chamar de um *salto qualitativo* nas relações entre dominadores e dominados, expresso em explosões de revolta ou fugas em massa, quando não, orientadas por núcleos armados com teorias explicativas e novos projetos de reordenamentos sócio-culturais. Só neste último caso a resistência se converte em ataque, alterando os papéis, ou seja, convertendo os colonizadores em *resistentes* ao avanço das forças de libertação.

Seja qual for a forma como os colonizados resistem (emigração, absentismo, etc.) penso que no conceito “resistência” está implícito o sentimento de não colaborar, tentar de todos os jeitos dificultar o exercício do poder dos dominadores⁶. Nestas condições, o dominado **tolera** o opressor, esperando, digamos, “tempo bom” para livrar-se do mesmo. Enquanto as circunstâncias nada permitem, “vai se levando...”. O que diferencia aquele que resiste daquele que colabora é que este último o faz intencionalmente, sem muitas vezes ter sido coagido para tanto, buscando compromissos com o colonizador, numa posição subalterna, é claro, mas que de certa forma vai lhe garantir privilégios ou benefícios somente possíveis aliando-se com o dominador. Como exemplo de africanos colaboradores, em Guiné - os *régulos* impostos e os *cipaios*, sobretudo os últimos, já que aos primeiros – nem todos – o que muitas vezes se via era um “jogo de cintura” com os portugueses.⁷

A meu ver, só deste maneira podemos diferenciar o que precisamente é resistir e o que é precisamente colaborar. Só, portanto, no processo histórico poderemos saber quem foram os que resistiram e quem foram os que colaboraram com o sistema colonial português. Adoto aqui a prática como, em última instância, o critério da verdade. Seja como for, não vejo equívocos no emprego dos termos em discussão desde que adequadamente utilizados, evitando-se anacronismos, atentando-se para a historicidade dos conceitos.

Evandro de Oliveira Machado.

Em 11.11.2005.

⁶ “As reacções humanas à exploração são extremamente diversas”. VAIL, Leroy e WHITE, Landeg, op. cit., p. 13. Sim, são mesmo. O problema aqui reside no fato de se considerar o homem como um ser abstrato e não como um ser do seu tempo, do seu espaço, da sua classe social. O olhar dos autores não é capaz de ver as sociedades africanas estratificadas, daí resulta o uso de expressões como esta, que trata das “reações humanas” e não das reações das tribos nômades, ou das chefias pastoris, ou dos “índios” subalternos de uma etnia já estratificada, e etc.

⁷ “É verdade que entre certos grupos, especialmente fulas e mandingas, a resistência foi fraca, sendo o recrutamento frequentemente conseguido voluntariamente. Isto poderá dever-se ao facto de ter existido, entre estes povos, uma tradição de colaboração com os conquistadores, que foi de importância crucial para a ‘pacificação’ do país. Em boa verdade, outros grupos também colaboraram com os portugueses. Porém os aliados mais importantes dos portugueses continuaram a ser os fulas e mandingas que, **com sociedades altamente estratificadas e classes dominantes exploradoras**, tinham sido eles próprios conquistadores do país. **Não foi tanto a solidariedade com os aspirantes a colonialistas mas sobretudo, dada a mudança na balança do poder militar, a tentativa desesperada de salvaguardar o seu poder e privilégios que levou à aliança.** Num outro aspecto, a guerra era um bom negócio para os guerreiros fulas e mandingas, **em cujas sociedades as distinções sociais e materiais tinham grande importância**, porque podiam enriquecer com o produto da pilhagem. [O trecho a seguir demonstra que nem todos os fulas e nem todos os mandingas interessavam-se pela colaboração com os portugueses, apenas os seus estratos dominantes. Portanto, numa mesma etnia, porque estratificada, podemos ver “resistentes” e “colaboradores”] De qualquer forma (...) **nem todos os fulas e mandingas se alistavam voluntariamente no exército colonial português.** Como notava o administrador da região de Gabu, predominantemente fula, era “sempre com a maior relutância que o serviço militar é aceite”. MENDY, op. cit., p. 189. O que me atrai na abordagem do presente autor é a sua atenção – a meu ver corretíssima – às diferenciações de classe no interior das etnias, o que lhe permitiu explicar, por um lado, a colaboração das classes dominantes fulas e mandingas com os portugueses movidas por interesses egoístas, ou melhor, de classe dominante, e a resistência dos seus estratos subalternos ao serviço militar, talvez nas épocas em que as possibilidades de pilhagem haviam já rareadas.